

CIRCUNVALAÇÃO*

Texto de conceptualização do projecto

Elisabete Vahia

Introdução

Nos últimos anos, a mudança mais significativa que teve lugar nos circuitos de arte contemporânea foi a passagem de um cenário caracterizado por uma circulação fluida das obras de arte, enquanto objecto material, para um modelo no qual o artista, agora convertido em “profissional nómada”, desenvolve projectos altamente emersos em realidades culturais específicas. Desenvolvem-se projectos que implicam um grau de singularidade e adequação a um meio físico e cultural concreto.

Esta quase exigência de diálogo ou confrontação deste tipo de práticas com a realidade local que as acolhe, obriga o artista a realizar um esforço prévio de reconhecimento dos limites significativos da realidade local, ou seja, desenvolve um processo que se aproxima do trabalho de campo etnográfico tradicional.

Apesar deste modelo etnográfico aplicado às práticas artísticas ter os seus limites, que são não só a falta de aptidão e preparação do artista para exercer um tal trabalho, como também a limitação de tempo e dedicação que não lhe permite ir além de uma simulação pseudo-etnográfica, estas práticas apresentam, no entanto, alguma validade no que diz respeito à sua semelhança com o turismo e com o surgimento do que se poderia designar por *post-turist*².

* Projecto de artes visuais desenvolvido na área metropolitana do Porto em 2005, pela produtora Cassiopeia.

² Termo utilizado por Maxine Feifer em *Going Places: The Ways of the Tourist from Imperial Rome to the Present Day*, London, Macmillan, 1985.

A imagem romântica do turista buscando um contacto com a autenticidade de um lugar é substituída pela do pós-turista, aquele que é consciente da impossibilidade de alcançar a autenticidade da experiência turística, desfrutando com a hiper-realidade construída à sua medida, desde o aeroporto até ao restaurante típico, desde as práticas quotidianas dos espaços genéricos ou tematizados, até aos não-lugares e aos novos espaços da sociabilidade e da cultura, como o é a Internet.

Partindo desta ideia de turista autoconsciente e da sua projecção no campo artístico através da constituição de uma espécie de artista metaturista, aquele que busca significados até nas regiões tradicionalmente menos autênticas, o projecto estrutura-se em torno da ideia de vivência do espaço público e da experimentação do lugar.

Para isso tomamos como espaço de laboratório e apresentação pública a complexa situação geográfica e urbana que é o aglomerado desses quatro concelhos.

Um bairro social da Maia, uma urbanização cooperativa em Matosinhos, uma ilha no Porto, uma vila em Vila Nova de Gaia, são exemplos de espaços demarcados por fronteiras geográficas, sociais e culturais que se oferecem à reflexão e intervenção, pois o espaço público é cada vez mais uma zona onde se reflecte o interesse por parte da arte contemporânea.

As metrópoles contemporâneas cada vez menos têm um centro principal e uma periferia circundante, apresentam antes uma estrutura coraliforme, labiríntica, com múltiplos centros e múltiplas periferias. Aparecem ainda zonas intermédias, espaços difusos, vagos, alheios a esta distinção e que progressivamente se vão incluindo em território produtivo. O fragmento torna-se então num elemento constitutivo por excelência, criando-se uma urbanidade sem cidade.

A cidade como corpo amorfo que cresce por mutações, que não corresponde a uma lógica evolutiva de expansão concêntrica. Cidade

líquida, que é difícil de prever por onde se vai estender, que se verte e escapa a uma lógica de crescimento tradicional.

Metrópole também como território de mobilidades, espaço de fluxo anónimo, lugar da multidão. O sujeito contemporâneo aprecia o acontecimento, a situação, o surpreendente, o inesperado, a experiência ocasional em tempo real. O sujeito contemporâneo quer viver aqui e agora, reencontrar-se com a realidade.

O Espaço Público

O espaço público é antes de mais uma determinação político-jurídica, mas também um produto do uso social. Há espaços públicos inacessíveis ou proibidos e outros, que não sendo juridicamente públicos, de intenso uso colectivo. O interesse pelo espaço público na actualidade tem também origem na reacção à sua invasão pelo espaço privatizado. Cada vez mais surgem espaços privatizados pseudo-públicos, como os centros comerciais, resultado da agorafobia urbana que identifica a vulnerabilidade com o espaço público e a segurança com o privado, para a qual contribuem os poderes, fechando e especializando os espaços públicos.

Definir espaço público também como esfera pública e não apenas como um espaço construído que é público. Como espaço onde tem lugar a opinião pública, onde a comunidade tem a oportunidade de se pronunciar e submeter o conhecimento hegemónico a validação, através da sua experiência pessoal. O espaço público é onde o próprio aparece à vista do outro, onde se dá o encontro, a explicitação e o consenso entre visões por vezes opostas. Daí o espaço público paradigmático ser a rua, uma confusão auto-ordenada, na qual os seus elementos negociam uma coabitação e reafirmam pactos de colaboração, onde se pratica o jogo da visibilidade / invisibilidade, onde se mostra o que se quer ser e se esconde o que se é. A rua é o espaço da verdadeira democracia (ou realização do projecto anarquista de sociedade auto-gerida), da cidadania, do civismo e da civilidade.

O espaço público, com o seu carácter físico e simbólico, como espaço de plena acessibilidade, é onde se desenrola a acção pública, isto é, aquela que parte do público, que se destina ao público e se dá num espaço público.

O Homem Público

Gaspar Mairal Buil³ afirma que o espaço urbano das cidade é a organização espacial da vida pública, e que o que ele denomina por vizinhança imediata seria onde se produz e reproduz o primeiro espaço público da cidade: a rua. A rua é onde começa a cidade, podendo ser esta vivida em três âmbitos fundamentais para as relações e as suas representações sociais: a vizinhança imediata, a vizinhança formal e a cidadania. A vizinhança imediata é a expressão de relações próximas, directas, de confiança mútua e de integração. Liga directamente a privacidade do espaço doméstico com um primeiro espaço público, a rua. A vizinhança formal seria a expressão de relações mais formalizadas mediante a organização e o associativismo, com uma maior expressão festiva e cerimonial e com uma representação espacial que se materializa primordialmente no bairro. Já a cidadania traduz a pertença do indivíduo à cidade, que sendo de todos, possui uma carga histórica, política e simbólica relevante, representada no centro urbano ao qual confluem os habitantes de uma cidade.

APRESENTAÇÃO GERAL DO PROJECTO

Ponto de partida

Não perdendo nunca de vista as fronteiras, CIRCUNVALAÇÃO debruça-se sobre a questão da vivência do espaço público, tendo como objectivo principal promover uma reflexão sobre as noções de “centro” e

³ Gaspar Mairal Buil, “La Vecindad Inmediata como Espacio Cultural” in *Cultura e Arquitectura: Incursións Antropolóxicas no Espacio Construído. Actas del Seminario Internacional “Cultura e Arquitectura”*, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Edições Lea.

de “periferia”, a condição urbana e as fronteiras físicas, sociais e culturais que atravessam as cidades e os seus variados ambientes.

Disciplinas artísticas

Artes visuais, vídeo/cinema, teatro e dança, integradas numa programação participada e ao mesmo tempo fluída, baseada na promoção da circulação entre espaços.

Área de acção

Quatro áreas urbanas fronteiriças: Maia, Matosinhos, Porto e Vila Nova de Gaia. A Circunvalação, e o Rio Douro como sua continuação imaginária, serve aqui de metáfora não só para a situação geográfica em que estas cidades se encontram, mas ao mesmo tempo para a ideia de uma quotidianidade vivida num percurso entre espaços que são separados ao mesmo tempo que unidos por uma mesma “estrada”. O CIRCUNVALAÇÃO pretende reproduzir, reinterpretando-a, essa vivência de espaços de fronteira, combinando propostas individualizadas para cada concelho, porque cada concelho é único, com outros que fazem a integração desse todo urbano que é a zona do Grande Porto.

Implementação

Programação dividida em 2 fases.

Uma primeira fase que acontece em simultâneo nas 4 cidades, uma proposta de arte comunitária que reúne artistas visuais, provenientes de países com representatividade das comunidades imigrantes em Portugal e comunidades locais na construção de uma obra conjunta, evidência do diálogo e do confronto entre práticas artísticas e a realidade local onde estas se desenvolvem – site specific. Em paralelo o registo por jovens a frequentar uma oficina de audiovisual, orientado por realizadores que em simultâneo recolhem também a sua visão sobre todo o processo. Na fase final da construção

da obra visual organizam-se para o público escolar, visitas guiadas em formato de aula de campo.

Numa segunda fase desenvolve-se uma programação específica para cada cidade – várias saídas. No Porto uma mostra das curtas-metragens resultantes de todas as oficinas e o filme documental. Em Gondomar e Matosinhos a criação e apresentação em estreia de espectáculos de teatro e de dança, respectivamente. Em Vila Nova de Gaia a criação de um Baile de Carnaval de forma a reunir num evento de encerramento algo que seja uma pertença colectiva. A festa, lugar de encontro e dissolução de fronteiras.

Objectivos gerais

1 - Promover uma reflexão sobre as noções de centro/periferia, a condição urbana e as fronteiras físicas, sociais e culturais que atravessam as cidades e o seu espaço público.

2 - Desenvolver uma programação transversal, utilizando diferentes disciplinas artísticas como instrumentos complementares de reflexão.

3 - Criar um núcleo de acção que envolva autarquias, associações, escolas, entidades artísticas e culturais

4 - Desenvolver um processo criativo inclusivo com comunidades, indivíduos e colectividades

5 - Promover a circulação entre espaços urbanos tradicionalmente entendidos como estanques.

6 - Dinamizar áreas deprimidas em termos de programação cultural.

7 - Sensibilizar novos públicos para a actividade/experimentação artística.

8 - Sensibilizar o público escolar para a arte contemporânea.

9 - Divulgar novos criadores e novas propostas artísticas.

10 - Descentralizar actividades culturais.

11 - Utilizar espaços de trabalho/apresentação não convencionais.

Direcção do Projecto

Ideia Original: Elisabete Vahia, Sandra Cosme e Sérgio Marques

Produção: CASSIOPEIA, Desenvolvimento de Projectos Culturais, Lda.

Coordenador: Ada Pereira da Silva

Produtor: Sérgio Marques